

REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA PASTORAL

(estadia na paróquia de São José, Alto Paraguai, Estado do Mato Grosso, de novembro de 1979 a janeiro de 1981)

Aloísio Ruscheinski, SJ

Este relatório sumário terá três finalidades principais, a saber:

- a) tomar maior consciência da imensa riqueza que trouxe e representou a experiência pastoral junto à equipe de pastoral da paróquia e a convivência junto ao povo daquela cidade;
- b) oferecer subsídios aos superiores, no que se refere a este tipo de experiência, numa atitude de prestar contas deste benefício durante a formação e dar embasamento a futuras destinações em semelhantes circunstâncias;
- c) pô-lo à disposição da equipe de animação pastoral que integrei neste tempo e que continua o mesmo serviço ao Reino pela evangelização, como uma reflexão a mais ou complementar às que já conhecem.

VIDA DO POVO

a) Aspecto econômico

A vida econômica de Alto P. é sustentada principalmente pela extração e comercialização do diamante e secundariamente pela pecuária e lavoura. Sendo assim, a maior parte dos gêneros alimentícios provém de outras regiões, por exemplo, Tangará e S. Paulo. Isto vem a encarecê-los. Exceto a população dos sítios, a maior parte da mão-de-obra disponível é absorvida no garimpo. Desde a fundação da cidade, o garimpo é a atividade extrativa principal, tendo inclusive se formado a partir da existência do garimpo de diamante. A atividade do garimpo está passando por uma transformação, que terá suas implicações pastorais. A transformação se dá na forma de sua exploração, que até cinco anos atrás era somente manual, introduzindo-se agora o uso da tecnologia. Ocorre um escasamento das áreas de garimpo pela privatização das terras e esgotamento do lençol produtivo do diamante. As três formas de exploração do diamante caracterizam-se como o trabalhador livre, a pequena empresa e a atuação da multinacional.

1) A exploração artesanal ou autônoma, pessoal, em que há a exploração individual, por conta própria ou à meia com outrem. Os mais pobres é que mais costumam trabalhar à meia, porque não têm como se sustentar por longo tempo sem achar um diamante. O meia praça, como o chamam, recebe a alimentação e em troca reparte à meia toda a produção que tiver. Este tipo de garimpo tende a diminuir na atual situação pela atração que representam as dragas como forma mais segura de renda mínima, pela privatização das terras de garimpo e proibição de nelas garimpar e pelo fato inevitável do rareamento do diamante através do

esgotamento do terreno onde ele se encontra. Pode-se classificar esta forma de exploração como artesanal porque o garimpeiro é dono dos seus instrumentos de trabalho e se dedica a tal ocupação o tempo que bem entender. A produção lhe pertence ou seja, o direito de dizer uma palavra sobre ela, como também a comercialização. A freqüência de "pegar" um diamante é muito instável e já neste momento influem os fatores deste rareamento, como aludido acima. Genericamente é possível afirmar que a natureza do garimpeiro é de continuar autônomo como foi desde o início e por isso aparece um motivo para a luta. Há um fenômeno nesta situação os que já perderam sua autonomia, tornando-se assalariados, parece que deveriam ser os que mais se unem para lutar, mas acontece que tanto no sindicato como na pastoral a presença dos autônomos é mais marcante. Contudo, nestes dois setores também está crescendo a participação dos não-autônomos; há um processo histórico verificável.

2) Em segundo lugar aparece a draga ou a mão-de-obra integrada. É a forma de exploração em que o patrão fornece alimentação ao trabalhador, sustenta a máquina (proprietário), distribui porcentagem da produção, mas exige em troca a disponibilidade da força de trabalho. É a forma de pequeno patrão que se equilibra entre a exploração da mão-de-obra alheia, mas depende da possibilidade de produção do solo que é explorado. A draga, que é motor com encanamento de sucção, ocupa de 6 a 10 garimpeiros. O trabalhador sabe com certa segurança o resultado da produção. Contudo, não tem certeza de que a distribuição e comercialização são feitas com justiça, embora receba os 2,7 ou 3% combinados. Há um horário de trabalho, mas nenhum compromisso assinado entre as duas partes, nem mesmo com a finalidade de previdência social. Não há garantia de emprego, nem amparo no caso de doença e isto quando o local explorado produz ou contém diamante, pois não há um meio seguro de determinar isto antes. O garimpeiro de draga é mais inclinado a não se associar com os outros companheiros para uma luta comum. Um dos motivos deste individualismo é o medo de ser despachado do serviço. Este processo histórico da introdução de uma nova tecnologia, leva a uma formação e distinção maior de classes sociais. Os componentes das classes tornam-se mais nitidamente identificáveis. O uso da draga na exploração do diamante vem associada à privatização das terras consideradas públicas ou devolutas. Os garimpeiros autônomos estejam agora talvez se igualando em número com os garimpeiros das dragas, embora a grande resistência para aceitar esta transformação.

3) A multinacional também atua na região no setor da mineração. Esta forma de exploração do diamante caracteriza-se pelo uso de tecnologia mais sofisticada, assalariamento e não porcentagem da produção. O trabalhador desconhece o resultado da produção. A multinacional ocupa reduzida mão-de-obra, invade, pesquisa e explora a área que bem quiser, e depois mantém muito sigilo sobre a área. Para dificultar o reconhecimento da multinacional, ela entra com vários nomes nos diferentes lugares; certamente serão empresas associadas. Já ocorreram movimentos populares em reação à entrada destas firmas suspeitas: estaria a Brascan atrás? Não há ainda por parte da população mais interessada nos seus direitos nesta região um órgão do povo capaz de manter vigilância constante e força política para enfrentá-las a nível imediato e junto aos órgãos públicos. Não obstante, pequenas vitórias momentâneas, ou definitivas quem

sabe, já foram alcançadas, por exemplo a de impedir a privatização por uma firma de uma extensão de terra ao longo do Rio Paraguai, pertencente ao patrimônio público. A firma pretendente era a Metamat.

Esta transformação constitui um processo irreversível, ao menos no sentido da introdução de técnicas que modificam a forma tradicional da exploração do diamante. E ainda não se introduziu com sucesso alguma experiência de exploração alternativa, como seria uma cooperativa que agenciasse aos garimpeiros a propriedade da draga ou associações de elementos necessários ao trabalho da draga.

Considerando a média da posição econômica das famílias brasileiras, em Alto P. o nível de vida é baixo. A maior parte está no nível da sobrevivência, ou seja, vive em pobreza. Até hoje o garimpo na produção da riqueza fez poucos ricos. Uma outra fonte de emprego é o funcionalismo público, mas será que com esta ocupação vai melhorar o nível de vida do povo? O comércio também absorve relativamente bastante mão-de-obra.

b) Aspecto político

Alto P. não difere muito da maioria das pequenas cidades do interior brasileiro: um pequeno grupo de políticos domina a cidade e a maioria da população tem pouca participação e é dependente. A corrupção política e econômica vigora, através de desvios de verbas e por meio da distribuição de benefícios aos elementos da classe no poder como estradas, áreas de terra etc. A estrutura política torna-se corrupta pelo fato da concentração do poder central do país e com isto o interior e os estados devem chorar e agir de acordo para conseguirem verbas. Para uma eleição não faltam candidatos. Embora possam ser de partidos diferentes, sua posição política pouco difere. Então o que decide é a quantia de dinheiro empregada e a popularidade (ou ilusão ótica de povo) atingida. A elite política de Alto P. opõe-se ao surgimento de um movimento político de cunho popular e as promessas em tempos de eleições enchem rios.

O panorama político certamente está mudando um pouco de figura com a atuação de oposições mais populares e não meros rivais políticos, como o sindicato, as comunidades eclesiais. A curto prazo há uma chance reduzida de uma real transformação no quadro político por duas razões: ainda não há lideranças populares suficientemente expressivas e que possam ser controladas pelos eleitores, e doutro lado, a própria estrutura política é do tipo corrupta e autoritária, diante da qual a educação política do povo é insuficiente para combatê-la. Entra ainda o fator das verbas necessárias para bem governar, que na atualidade dependem em grande parte da submissão política à autoridade política superior. Não basta, portanto, a eleição aos cargos públicos de políticos da confiança eclesial, por exemplo, pessoas das comunidades eclesiais, etc. Apesar deste panorama ainda não favorável há um grande sinal de esperança. O sinal da força política emergente e alternativa ao poder é manifesto nas ameaças e perseguições a lideranças do tipo popular. Este é um sinal externo de que vale a pena se colocar também nesta luta, que vise em fim de contas a melhoria das condições de vida de toda a população e não apenas de alguns privilegiados.

c) Aspecto sócio-cultural

O aspecto étnico do povo de A. P. caracteriza-se por um misto de descendência baiana e de gente de origem matogrossense. Dentro destes dois parâmetros, até agora se poderia considerar Alto P. como uma cidade fechada, no sentido de que ocorre pouco influência e migração de outras partes. A população da cidade só em parte é de origem agrícola e mesmo a agricultura tem pouca importância no contexto do município, porque as terras em sua maioria não são próprias para o desenvolvimento da lavoura comercial.

Ao nível das iniciativas próprias, ou que sejam do povo mesmo, pode ser considerado um povo pacato, relativamente fraco em iniciativas. Isto se nota, por exemplo, nas formas de diversão: quase sem alternativas. Há diversões, sim, mas envolvem pouco movimento, como é nos bairros. E por outro lado ainda necessitam de elementos fundamentais vindos de fora, aspecto em que se manifestam como diversões dependentes: discos, aparelhos de som, mesas de jogo, pinga, televisão, etc. Quase não há campos de jogos para um exercício físico e forma de lazer. Nem me consta um lugar turístico para passeios. Assim, tanto para os jovens como para os adultos, o simples fato de ir para a "rua" é uma forma de sair do rotineiro em busca de novidades e sociabilidade. Neste contexto, a prostituição, em um dos seus aspectos, se apresenta como forma de lazer, permitido socialmente.

O nível da instrução, não da cultura como modo de ser, apresenta-se pouco elevado. A escola, embora já esteja implantada, com toda a sua fragilidade só agora está chegando lá. É considerável a quantidade de pessoas adultas semi-analfabetas e o número de crianças que freqüentam só o 1º ou até o 4º ano primário. Do interior do município nem se fala, mas há uma série de fatores que tornam compreensível a situação e que não serão abordadas neste relatório. Apesar da falta de professores formados, é considerável o esforço feito para se ter um bom ensino com a precariedade de recursos. No município há uma quantidade de escolas municipais, geralmente com poucos alunos e distantes do centro da cidade, com uma remuneração para professores irrisória. Há uma escola de 1º grau e outra de 2º grau pertencentes ao estado. O 2º grau forma normalistas e auxiliares de escritório, tendo em cada sala de 15 a 20 alunos. Como esta mão-de-obra não terá emprego garantido na cidade, a alternativa está em trabalhar em ramo diferente ou mudar-se para outra cidade.

A instabilidade familiar também está relacionada com o aspecto sócio-cultural: com o tipo e formação do núcleo da cidade garimpeira (garimpeiros solteiros e mulheres constituindo a maioria), com o relacionamento estabelecido no seio da família (autoritarismo e dominação ou um compromisso familiar muito frágil), com a organização ou situação econômica. A conjugação destes fatores influenciam a constituição da família, como podem agravar ou melhorar a instabilidade. Ela haverá de modificar-se na medida em que se for transformando o aspecto sócio-cultural, tanto a característica de cidade de garimpo, de permanência instável, com a melhoria do nível de vida econômico, quanto a instrução escolar, com a modificação das relações de dominação de um sexo sobre o outro e/ou da prole. A isto tudo se juntará a educação familiar que se dá às novas gerações. Porque será que tanta gente "foge", ou sai de casa e não

casa no civil e no religioso? Resulta sobretudo do modo de entender as coisas da vida, da estrutura familiar que pouco acolhe, porque domina, ou por sua própria fragilidade de vínculo social. Aponto a instabilidade familiar como um fator cultural, e não moral-religioso, pois também as famílias ligadas à Igreja têm problemas em relação à constituição familiar. Sem dúvida, uma diferente compreensão da liberdade e uma moral religiosa adaptada é necessária para compreender o caso.

Outro aspecto é o fato de a maioria das famílias viver do ganho de um dia para o outro. Isto se vê na preocupação pela situação da moradia, do terreno, e das árvores frutíferas quase inexistentes, como do consumo quase total da renda do dia anterior. Desta forma ocorre a ausência do acúmulo de dividendos como garantia para eventualidades e também de um futuro diferente. Não há razão de acumular bens, se atrás disto não estiver um coração "capitalista", que já é uma coisa bem diferente do que ter boas condições de saúde e higiene.

Será preciso avaliar, se as comunidades eclesiais têm modificado alguma coisa no aspecto sócio-cultural. . . Até para saber se as modificações da sociedade são uma real evangelização ou a moralização de um ponto de vista.

d) Aspecto religioso

Desde logo é possível afirmar que é um povo pouco religioso, no sentido de acompanhar a vida da sua religião. Isto em grande parte se revela na baixa porcentagem de famílias ligadas realmente à vida da Igreja (talvez um quarto da população), da freqüência às celebrações eucarísticas (só uma missa na matriz com bastantes participantes e nos bairros liga-se muito a participação eucarística aos batizados), a ausência marcante dos homens e jovens (existem comunidades eclesiais onde só mulheres e crianças participam), o lento crescimento das religiões pentecostais (existem no mínimo 4 Igrejas e só a Assembléia de Deus tem alguma expressão numérica), um certo anti-clericalismo (manifesto nas constantes fofocas a respeito do padre e das religiosas), a relativa importância que se dá à religiosidade popular.

Um fato novo no contexto religioso são os grupos de cristãos que se reúnem em comunidades para evangelizar a si mesmo e aos outros. É novidade na medida em que assim há um contato mais direto, pessoal e questionante com as verdades fundamentais da religião e sua prática. É um aprendizado também ao nível das decisões eclesiais. Atingem no entanto, pequena parcela da população realmente. O importante, é verdade, não é que todos participem, mas que provoque uma transformação da sociedade de Alto P. para maior justiça e fraternidade. Disto brota uma lição evangélica a ser aprendida, pois tem uma realidade própria: ser luz e sal (Mt 5,13s). Em 1980 eram em número de 25, tendo entre elas uma ou outra com funcionamento irregular. É necessário se perguntar como estas reuniões, em seu conjunto, levam a ações conseqüentes ao nível da própria comunidade eclesial e/ou da sociedade em que se realizam.

A elaboração de círculos bíblicos, especialmente para um número tão reduzido de pequenas comunidades eclesiais, revela uma atenção, um carinho todo especial para o seu bom funcionamento numa determinada caminhada. Não há círculo bíblico que de um lugar para outro sirva direitinho. Ainda bem, senão estaria ausente o novo sempre presente, uma verdadeira auto-aprendizagem. Esta

não se faz pelo mero conteúdo, senão pela relação teoria-praxis. E neste sentido até poderiam existir elaboradas algumas reuniões (cir. bibl.) destinadas para as comunidades e que se repetissem uma ou outra vez durante o ano, com temas significativos e conscientizadores. Isto se justificaria pelo simples fato de que numa primeira abordagem nem tudo fica entendido. É também o que acontece conosco, dizem alguns, que só guardamos em torno de 20% de uma palestra ou leitura. A busca da novidade esgota uma equipe e além disto pode viciar um povo, a não ser que esta equipe tenha muito fôlego e contatos significativos com pessoas no mesmo caminho mas fora do ambiente da equipe.

A distância e a pouca importância dada à religião pela população em geral permitem que na escola se tenha quaisquer professores de religião, que pouco participam da vida eclesial ou até sejam contrários à moral e à prática religiosa. Esta distância da religião se verifica tanto na classe dominante quanto ao nível comum do cidadão. Apesar de existir na paróquia um esforço visível de a religião tornar-se um veículo de expressão do povo, permanece uma separação, uma distância entre o que há de religiosidade popular e a prática dos atos religiosos, daquela religião que se poderia chamar oficial.

Existem vários momentos de expressão da religiosidade popular, como por exemplo nas festas dos santos (Luzia, Gonçalo, João, Pedro, José, Bom Jesus, Sebastião, etc.) ou o ritual da bênção. Esta última é a forma de religiosidade mais conhecida e espalhada entre a população de A. P.; mesmo assim existem famílias que não a praticam. Seria interessante colecionar os dizeres do gesto da bênção dos filhos, afilhados, sobrinhos etc., estabelecendo um estudo comparativo com a bênção na Bíblia (uma proposta para o curso de teologia?).

Restam-me algumas perguntas que não sei responder. Há uma diferença real entre as duas formas de expressão religiosa? Em que se baseia esta diferença? Será que haveria possibilidade de vir a ser cada comunidade um vínculo, um elo de ligação entre as duas formas? Até se chegar pouco a pouco a uma só vivência religiosa.

A catequese, onde existam catequista e alunos, está organizada em parte. Na sede da paróquia funciona com número reduzido de crianças, à semelhança do que ocorre no geral das práticas religiosas, ou melhor, práticas sacramentais, exceto o batismo. O esforço de organizar uma catequese libertadora, que caminha sem a "mão do padre", parece-me grande. E por isso mesmo não há um controle de qualidade e nem se pretende ter simplesmente quantidade. A grande dificuldade, também aí, será levá-la para que responda a uma busca de sentido para a vida e um encontro consigo, com o próximo e com Deus, no clima e realidade de Alto P. Então, como conduzir a catequese para que se torne experiência vital e ao mesmo tempo leve ao conhecimento das verdades fundamentais contidas no "Credo"? Por exemplo, se interrogássemos os crismandos sobre o "Credo", saberiam dizer algo. . . ? É necessário juntar experiência e conteúdo, ou teoria e praxis. A teoria por si só é deficiente. A prática determinada num tempo, se ultrapassa com o passar do tempo.

A catequese dos bairros, em um que outro, está se encaminhando, mas existem algumas dificuldades: difícil as crianças irem até a matriz para este fim, às vezes poucas crianças interessadas, pessoa disponível e treinada. Por outro

lado, as reuniões das comunidades representam também uma catequese, pelo fato de levarem a um maior conhecimento da religião.

Ainda no que toca aos sacramentos, procura-se propor e seguir uma norma pastoral que leve a uma vivência consciente. A graça de Deus num ato sacramental opera realmente quando o sujeito em sua liberdade e consciência assumir o compromisso da prática da justiça e da fraternidade. Só aí então, a graça terá efeitos plenos. Admite-se o batismo das crianças e explica-se que isto só terá sentido pela fé e prática dos pais e na medida em que introduzirem a criança na religião. Toda criança ou pessoa é filha de Deus pelo batismo e por meio dele participa mais plenamente desta filiação e se torna membro da comunidade da Igreja.

O QUE APRENDI

De Deus vem o chamado, a vocação e a inspiração do Espírito Santo; do povo provém a formação e o situar-se na realidade. Ao colocar no papel o que aprendi para a minha vida, quero ressaltar vários aspectos da contribuição ou situação do povo, que tem muita transparência e pouca malícia.

Na parte da cultura do povo percebi, e foi uma escola de aprendizagem porque me abriu mais os olhos, que existe aí uma etnia diferente da minha, do meu tipo de origem e formação. Isto significa costumes diferentes, ritmo de vida próprio, que a gente só entende na medida que se integra. Se é necessário respeitar esta cultura própria do povo, cabe também ao agente de pastoral interrogar o quanto ela está de acordo com a mensagem do evangelho. É um erro somente admirar, por que daí fica tudo na mesma, como também não basta conhecer para produzir "frutos bons", é preciso ter um "quê" a mais, uma tática. Evidentemente que é um erro maior ainda, se na pastoral ignorarmos o aspecto cultural específico do ritmo do povo.

Aprendi que é preciso aprender, não só em cursos, uma porção de coisas da vida do povo para lhes dizer uma mensagem que cole (cf. Fl 2,7s), que ao mesmo tempo não oprima mais ainda o pobre já tão sofrido. Entra aí a questão da tradição do povo e sua compreensão religiosa das coisas e do mundo.

Impressionou-me aquela frase na despedida do Quincas (S. Pedro): "agora que você aprendeu a falar a nossa língua, quer dizer que já vai embora?" Para mim nesta expressão está muito mais do que o simples fato de falar em português acessível. Está contida toda carga cultural de chegar até onde ele se encontra. De minha parte ainda não diria "aprendeu", senão que agora comecei a aprender a linguagem que este povo vive e entende (situar-se na luta e como atuar nela). Aprendi a necessidade de traduzir a mensagem do Reino ao nível que o povo possa entender (não que o povo seja burro). O veículo também deve testemunhar esta mensagem. Inclusive refletir quando e onde esta sabedoria bíblica se encontra presente, para que relacionando Evangelho e vida creia sempre mais e na fé atue.

É característico de C. Mesters usar fatos e figuras da história da salvação para relacioná-los com a vida do povo de hoje e chegar a saber o sentido daquilo que está acontecendo. Mostra nestas passagens como o povo da Bíblia viveu os

mesmos problemas fundamentais que os nossos e como Deus se manifesta nas pessoas com sede espiritual e simples e também menos críticas.

Há uma diferença na atuação do agente de pastoral (modo de se inserir) junto ao povo nas lutas populares numa cidade grande, com seu modo de estar presente numa pequena cidade. Nesta as contradições, os choques logo afloram, no sentido de se perceber o impulsor; então se precisa de uma estratégia e tática para se empenhar na luta. De imediato está-se cara a cara com os atingidos pelas reivindicações. A luta deste povo de Alto P: se conhece pela sua história, sua dureza e sua resistência, ante uma política e estrutura social opressora e expropriadora. Aí entra a necessidade de criar uma habilidade para acompanhar a luta do povo.

Juntamente com esta dimensão da ação externa vai aparecendo outra mais pessoal e íntima. A ação comprometida a favor de um povo, a perseverança na luta com suas conseqüências de perseguição e incompreensões, exige uma fé, um amor profundo e pessoal a Cristo, na medida em que torna coração de sua experiência a experiência de Jesus Cristo. Sem esta bagagem diminui a certeza da eficácia, a segurança e firmeza estratégica da missão. Repercute na pastoral, no modo de compreendê-la: no que toca à graça permanecemos dependentes de Deus. A gente sozinho não "converte" um povo; além da necessidade da graça é preciso a ajuda do povo (com o povo) e a formação de equipes de leigos.

Para o sustento destas duas dimensões ou seja, "do contemplativo na ação", a atividade pastoral mesmo junto a um povo simples requer um constante atualizar-se através de outras experiências, de leituras, estudos, encontros, etc. Com isto cresce a chance de permanecer lúcido na prática libertadora, aberto para o inesperado, tanto para vitórias e derrotas, como para caminhos diferentes dos planejados e ainda não se atrapalhar com facilidade nos impasses que surgem. É preciso, porém, tomar cuidado com o atualizar-se: não significa violentar a capacidade de atualização religiosa que o povo tem. A atualização não consiste em 1º lugar em largar formas velhas e adotar "idéias" novas, senão que dispor-se a partir da experiência religiosa do povo fazer uma nova interpretação da fonte da fé (Bíblia) e a partir de um compromisso com a realidade. Por exemplo: se numa semana se leu ou se fez um estudo sobre "espiritualidade e novas formas de piedade", não se vai no domingo chegar e num sermão inflamado rasgar diante do povo o terço, como expressão do antigo. . .

Para a teologia

Para a teologia fica a preocupação de como tornar a teologia que se estuda, como reflexão sobre as verdades da fé, teologia práxis. Para que a teologia não seja apenas uma discussão e discursos entre os figurões e nas cúpulas e o povo fica na mesma. Não que o povo tenha que conhecer toda e qualquer teologia que surge neste mundo da pluralidade. Senão que ele mesmo deve ser convidado e ouvido no fazer teologia, enquanto colocar à prova na prática a reflexão do teólogo. O surgimento da teologia da libertação corresponde em parte a este modo. Também esta não pode ser uma idéia de alguns, uma teoria revolucionária para esclarecidos, mas um esforço para transformar o mundo realmente a partir dos oprimidos a exemplo de Jesus. Antes ser libertadora pelo seu método, do

que o fato de falar em libertação. O uso à-toa do termo desvirtua-o. O essencial da teologia é relacionar as forças de libertação com o centro do Evangelho que é Jesus Cristo, dentro da realidade da comunidade oprimida, onde Deus se manifesta de preferência, de tal modo que esta comunidade reconheça o caminho para a libertação.

A experiência mostrou que há uma outra necessidade a satisfazer: não só estudar por interesse as questões práticas e imediatas, mas despertar e alargar o horizonte cultural e teológico através da evolução e os princípios que a regeram, tendo como base a Bíblia e o momento histórico atual. Em outras palavras, isto significa aprender a fazer teologia. Já deu para perceber, em poucos dias de estudo, que a teologia assim chamada pela sua origem e formulação está baseada em contexto sócio-cultural e preocupação pastoral diferente da realidade de Alto P. As preocupações são diferentes, o mundo cultural é diverso, as dificuldades e questões que a religião enfrenta para dar uma resposta ao homem, ao mundo, não coincidem. A justificação racional da fé mudaria muito pouco, pois é um povo que tem pouca noção da técnica e da ciência.

Estarei de prontidão para ver se é possível estabelecer uma relação entre as comunidades primitivas e as comunidades de Alto P., para observar no contexto histórico próprio de cada uma as semelhanças e diferenças. A vivência junto a este povo de determinada cultura dá uma base para o estudo de teologia, na medida em que se está alerta para a influência cultural no pensar teológico. As preocupações de um ambiente nem sempre são as mesmas de outro, por razões culturais e da sociedade envolvente.

Equipe da Atividade Pastoral

A minha experiência positiva numa equipe de pastoral é reforçada por uma experiência anterior. Nela havia pessoas em serviço pastoral, mas não havia uma equipe de trabalhos pastorais que se reunisse para uma ação comum. Uma equipe de pastoral tem a finalidade primeira de planejar a ação para uma prática mais coerente, sem deixar de ser uma equipe que se apoia mutuamente para ser testemunha de vivência cristã.

Em Alto P. morando com o Pe. vigário da paróquia, ocorriam freqüentemente conversas sobre o que fazer e como fazer. A experiência de equipe pastoral mista foi enriquecedora, por dela participarem as três irmãs das missionárias de Jesus Crucificado. O clima reinante no relacionamento entre os membros é comparável a uma constante busca de aperfeiçoamento no trabalho. A reflexão crítica sobre a atividade pastoral no seu conjunto era franca. Dentro da equipe tudo é questionável, embora nem sempre se chegue a mudar ou encontrar soluções claras e aceitáveis. A união, o trabalho em conjunto de uma equipe é um testemunho para a evangelização, apesar de com esta equipe mista surgirem volta e meia fofocas desagradáveis, como se com isto se quisesse tirar o prestígio dos elementos ou moralizar o comportamento da equipe num ambiente que é Alto P. Por outro lado tenho certeza que chega aos ouvidos do povo e constitui sinal de contratestemunho se existem comunidades de religiosos perto e não se entendem.

A experiência mostrou a necessidade de planejamento e o devido envolvimento do povo nas questões que lhe dizem respeito, de modo a influir nas deci-

sões. A equipe de pastoral decide junto o que fazer, quando e como fazer. Assim a experiência ensinou o valor do planejamento, até mesmo para treinar e acostumar a fazer algo com objetivos claros, que por sua vez facilitam a avaliação.

Foi nesta equipe que revivi a celebração da eucaristia, menos como um ritual religioso rotineiro, muito mais como celebração da nossa vida entregue a Jesus Cristo no mesmo sacrifício do altar, da cruz e ressurreição. Uma missa semanal em equipe para celebrar as atividades pastorais, um momento forte de adoração, de louvor a Deus. Este que nos escolheu e que através de nós quer falar, exprimir-se. Na realidade há somente pequenas diferenças entre uma equipe de pastoral assim constituída e uma comunidade inserida durante os estudos. Apenas modifica a ocupação principal, troca a experiência intensiva de apostolado pelo estudo aprofundado.

A experiência apostólica numa equipe de pastoral favorece um conhecimento maior das pessoas pela ação delas e ao mesmo tempo leva a um maior autoconhecimento (qualidades e limitações). Leva a desenvolver o espírito de responsabilidade, na medida em que parte do plano de pastoral alcançará os objetivos pelo empenho da gente. Aprofunda o sentido da missão de apóstolo do evangelho, recebida de Deus e aclarada na própria atividade pastoral. Torna o sentido da missão mais vivencial, mais do coração, mais concreto, porque questionado na ação pastoral.

Curitiba, março de 1981.